O UNIVERSO DOS FESTIVAIS INDEPENDENTES

THE UNIVERSE OF INDEPENDENT FESTIVALS

Juliana Vaz da Silva[1]
Rubens de Freitas Benevides[2]

Resumo:
Este artigo é fruto de pesquisas sobre os festivais independentes, seus idealizadores e projetos. Os artistas independentes circulam em festivais organizados por uma rede denominada Fora do Eixo, que possui coletivos espalhados por todo o país. A rede de coletivos é organizada pela internet, permitindo a circulação de artistas por todo território nacional. O Festival Fora do Eixo, importante festival para a rede, é organizado nas grandes metrópoles com a intenção de trazer legitimidade para o Fora do Eixo, e fazer com que seu trabalho seja reconhecido nas grandes cidades, por onde circulam os melhores produtores artísticos e famosas casas de show. Essa estratégia dá visibilidade aos artistas de regiões interioranas do país.

Palavras- chaves: Música Independente, *Fora do Eixo*, Rede

Abstract:
This article is the result of independent research on festivals, its creators and projects. Independent artists circulate in festivals organized by a network called Off-Axis, which has collectives throughout the country. The collective network is organized through the Internet, allowing for the movement of artists nationwide. The Festival Off-Axis, an important festival for the network, is organized in big cities with the intention of bringing legitimacy to the Off-Axis,

[1] Graduanda do Curso de Ciências Sociais – UFG/CAC
[2] Doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (2008). Professor Adjunto 2 da Universidade Federal de Goiás/ Campus Catalão

and make your work is recognized in major cities, through which the best artistic producers and famous venues. This strategy gives visibility to artists from several regions of the country.
Keywords: Independent Music, *Fora do Eixo*, Network.

A partir da pesquisa sobre o festival *Fora do Eixo*, objeto deste trabalho, pesquisamos a rede *Fora do Eixo,* no que diz respeito a seu crescimento como coletivo de produção cultural no cenário da arte independente, caracterizado, sobretudo, pela capilaridade do seu território de ação. No decorrer dessa pesquisa, nos preocupamos em observar e investigar os festivais de música independente da rede *Fora do Eixo* para compreender sua organização, funcionamento, práticas e propósitos em suas realizações. Com o intuito de registrar e disponibilizar os dados da pesquisa para sociedade tornado mais conhecidas as iniciativas da Rede, suas contribuições e produções culturais. Colaborando assim, para disseminação, dentro e fora da academia, do atual estado do cenário independente organizado em rede no Brasil, bem como para o debate acadêmico acerca dessa temática.

Para contemplar os objetivos da pesquisa nos valemos de quatro recursos metodológicos. O primeiro foi uma revisão bibliográfica, de autores de várias áreas do conhecimento, sobre as temáticas abordadas que nos ajudaram a tornar mais claro o objeto de estudo. O segundo foi coleta de dados e documentos variados sobre a Rede *Fora do Eixo*, com o propósito de obter informações e fontes para pesquisa, investigamos em diversos meios, inclusive na internet no Site da Rede e outros relacionados a ela. O terceiro recurso metodológico foi trabalho de campo, nessa etapa conhecemos e observamos em Uberlândia o Festival *Grito Rock*, em São Paulo, a casa *Fora do Eixo* e o *Congresso Fora do Eixo*. Oportunidade em que registramos tudo que foi necessário para o desenvolvimento do presente trabalho. O quarto recurso metodológico foi a realização de entrevistas com os idealizadores e integrantes do Festival *Fora do Eixo*, que nos deu uma maior dimensão da importância do festival para a arte independente e dos resultados obtidos nos estados onde se realizam.

Após tais considerações nos dedicaremos à reflexão sobre o *Fora do Eixo* no que diz respeito a seu histórico, organização e propósitos. O circuito *Fora do*

Eixo foi formado em 2002 por integrantes e alunos da Universidade de Cuiabá que tiveram a experiência de realizar um festival de música dentro da universidade chamado *Calango*. Com o tempo sentiram necessidade de expandir o trabalho e viverem em coletividade, trabalhando e produzindo festivais independentes com maior frequência e abrangência. O *Fora do Eixo* é organizado em rede, tudo é debatido e organizado pela internet, hoje possui mais de 80 coletivos agregados nessa rede. Seu objetivo inicial foi motivar a cultura regional de pequenas cidades, valorizando os artistas locais e garantir espaços para estes apresentarem seu trabalho. A importância do festival era dar visibilidade às bandas regionais, que não se sujeitam a lógica das grandes gravadoras, que aceleram a produtividade e fortalecem a produção em massa. Conforme diz, uma das primeiras integrantes do *Fora do Eixo*, Lenissa Lenza.

> (...) a gente começou a perceber que se a gente quisesse alguma coisa sólida, a gente tinha que sair dos muros da universidade. É muito fácil ser Che Guevara ali dentro, mas fora dali era realmente mais complicado. E a gente queria esse desafio. Então, a gente uniu essas duas coisas e pensou que a gente deveria criar o espaço Cubo, até porque na época do festival Calango, foi um produtor para lá, da Paradox, Tadeu Valério, o nome dele, ele era uma espécie de olheiro, na lógica mais antiga mesmo, e ele disse para gente que o festival era muito bacana, do caralho, mas que não adiantava nada ter festival uma vez ao ano na cidade, se não tinha ninguém alimentando essa cena todo dia.

Com a experiência do festival *Calango* surgiram outras demandas, o grupo percebeu a necessidade de criar novos espaços para que os artistas regionais autorais tivessem, durante todo o ano, atividades e eventos para suas apresentações. Dessa demanda surgiu o *Espaço Cubo*. Pela internet o *Espaço Cubo* se tornou conhecido e frequentado, tornando-se um instrumento para dar visibilidade à produção independente e seus artistas, estimulando a produção cultural nas regiões interioranas.

Durante a pesquisa participamos e observamos o festival *Grito Rock*, em Uberlândia em 2011, organizado pelo coletivo *Goma*. O *Grito Rock*, assim como o Festival *Fora do Eixo*, é distribuído nos coletivos das regiões que vão realizar o evento, e apenas um integrante de cada coletivo fica responsável pela organi-

zação do festival. Este evento foi criado para ser uma opção a mais no carnaval, uma alternativa para aqueles que não apreciam os programas convencionais das festividades carnavalescas. Os festivais tem público assíduo para apreciar as apresentações musicais das bandas, curtas metragens, teatros e vários eventos que ocorrem ao longo de todo dia. O evento acontece em vários espaços, mas a apresentação musical é realizada no Vinil Cultura Bar, o público é constituído por pessoas diversas como universitários, músicos e em geral pessoas que gostam de música alternativa. É interessante destacar que nos festivais não prevalece apenas o rock, mas diversos gêneros musicais, mistura de ritmos e estilos, há muito respeito ao trabalho de cada banda.

O Grito Rock acontece em um circuito de cidades que somam um total de 147, algumas fora do Brasil. O que permite a circulação das bandas em diversas regiões divulgando sua arte. Tudo é muito organizado, mesmo diante de eventuais imprevistos existe uma cobrança para que as programações ocorram dentro do planejado. Além das atividades musicais, entre uma banda e outra, há declamação de poemas, apresentações de improviso, por artistas que se agregam ao evento, entre outras. Muitas pessoas estavam ali registrando e criando arte dentro do evento, ao final de cada apresentação, as bandas se confraternizam trocando contatos, dicas e informações. Interação que se intensifica ainda mais com a *hospedagem solidária*, disponibilizada pelo evento para as bandas que precisam de um apoio para descansar e comer.

Praticamente toda organização é feita pela internet e reuniões nos coletivos com seus integrantes, até mesmo a escolha das bandas que vão se apresentar e seu agenciamento. A rede proporciona comunicação rápida e oferece ampla visibilidade de conteúdos e informações ao público interessado. Essa forma de organização exige compromisso de todos no cumprimento de suas responsabilidades dentro dos prazos estabelecidos. Dessa forma se exige de todos organização e agilidade. Organização, disciplina e compromisso caracterizam o *Fora do Eixo,* como nos diz Carol Tokuyo "*uma tarefa dada sempre tem que ser comprida*". Segundo Carol Tokuyo, integrante da Casa *Fora do Eixo* São Paulo, no *Fora do Eixo* o trabalho é uma coisa prazerosa, toda produção é feita como uma ideologia, o trabalho não é visto apenas como um meio de sobrevivência deve ser visto como uma obra de arte e

não apenas uma mercadoria, com a qual o trabalhador não se identifica.

A convivência entre os coletivos culturais, por intermédio da internet, fez com que pessoas de várias regiões, de culturas diferentes, criassem um modo de vida próprio que caracteriza os integrantes do *Fora do Eixo*. Eles têm, inclusive, um jeito próprio de falar, em entrevista feita na casa *Fora do Eixo* em São Paulo, Pablo Capilé afirma:

> Então, você chega aqui no congresso, tem um monte de coisa que a gente começou a falar há 1 mês lá em São Paulo, que um monte de gente aqui já está falando. Ao mesmo tempo que eles têm uma capacidade de apropriação mimética que é foda. Você solta uma palavra *Fora do Eixo* que é nova, no outro dia tá todo mundo falando essa palavra.

A rapidez com que as palavras são transmitidas, graças à internet, permitiu a criação de um vocabulário *Fora do Eixo*. Os integrantes usam a rede ao longo de todo dia, conversam mais online do que pessoalmente, visto que seu trabalho é realizado na internet, o que permite que os vocabulários próprios das regiões, se transformem em apenas um na rede, o vocabulário *Fora do Eixo*.

Pierre Lévy (1999) na obra *Cibercultura*, ressalta como a rede cria similaridades aos envolvidos e, ao mesmo tempo, tem um poder de excluir os desinformados. A internet foi construída com a intenção de proteger a informação e repassá-la com rapidez. Hoje seu uso ficou ainda mais sério além de comunidades e serviços oferecidos, o trabalho imaterial (aquele que não produz uma mercadoria) começou a fazer uso da rede. As considerações do autor expressam o poder de ação da rede e como o *Fora do Eixo* se apropria dela.

O *Fora do Eixo* trabalha pela internet, fazendo parcerias, organizando festivais e produzindo tecnologias, (novas maneiras de organização, socializadas pela rede, que agilizam o trabalho dos coletivos). A rede de coletivos é fortalecida a cada dia, pois novas propostas são feitas e novos projetos surgem como a *Economia Solidária* nos festivais, que tem como função fazer uma feira com produtos de trabalhadores, que fabricam desde comida até bijuterias. Existem outros projetos como a UniFDE (Universidade Fora do Eixo), que produz material para formação dos integrantes do grupo, com o objetivo de socializar com os coletivos, por meio de apostilas, todas as experiências bem sucedidas. Além do mais, possui também ligação

com a ABRAFIN (Associação Brasileira dos Festivais Independentes), além do Toque no Brasil que organiza e registra as bandas, disponibilizando o material da banda, agenciamento e produção.

No decorrer da pesquisa ficamos em imersão, hospedados durante três dias, participando e observando a rotina da casa, na ocasião aproveitamos para realizar algumas entrevistas. Na Casa *Fora do Eixo* São Paulo, foi possível perceber com mais nitidez a dinâmica do *Fora do Eixo* e seus projetos. A casa recebe visitas constantes, muitas delas com a finalidade de fechar parcerias com produtores musicais e outros. Tudo na casa tem um propósito específico, que permite identificar a leitura que o grupo faz da realidade. Como, por exemplo, o projeto de reciclagem, e a exigência de que todo material orgânico fosse colocado na compoteira. Quando não estão em reunião estão online trabalhando. Na casa há o *programa de vivência*, em que integrantes de coletivos e interessados podem participar da rotina da casa trabalhado e apreendendo durante 3 a 6 meses. O objetivo do programa é fazer circular, por toda a rede, as chamadas tecnologias (conhecimento), o integrante vai aprender e repassa o conhecimento adquirido durante a vivência.

Além disso, há uma programação para apresentação de bandas independentes, em uma casa de show, chamada Studio SP. Possui também um programa que é transmitido via internet, com bate papo com as bandas chamado "*Domingo na Casa*". E aos domingos a casa é aberta para a população, oferecem apresentação de bandas, artistas do grafite e demais atividades culturais. Na ocasião também é oferecido um Brechó, onde se pode comprar com dinheiro, fazer trocas ou pagar com o chamado *card* (Moeda própria do *Fora do Eixo* que circula nos festivais).

O *Fora do Eixo* está em constante transformação, aberto a novas ideas, propondo laboratórios, tentativas e agregando para si aquilo que é visto como importante e satisfatório. Em muitas conversas e participações em eventos percebemos que há um interesse em ressaltar a coletividade, os integrantes sempre gostam de mostrar que tudo que está sendo feito é fruto de um trabalho construído em grupo com a participação de todos. A forma de organização em rede tem a característica de não ter um líder no comando, todos podem sugerir e a decisão é tomada em regime de votação. O *Fora do Eixo* está crescendo de acordo com as demandas que são colocadas, avançando nas tentativas

de sucesso e repensando as tentativas frustradas. Segundo Pablo Capilé, o *Fora do Eixo* passou por vários desafios e com estes aprenderam a trabalhar com a diferença, passar pelos problemas e enfrentar com maturidade as dificuldades que aparecem.

O *Fora do Eixo* é um grupo que vive em contato cotidiano com a arte, e fazendo dela um instrumento para debater sobre a sociedade e os caminhos para construção de um lugar melhor para se viver. Com essa perspectiva, formou o PCult (Partido da Cultura), um partido que faz uma analise crítica sobre o lugar ocupado pela cultura em nosso país, e o desinteresse das autoridades políticas em democratizar o acesso à mesma. *Propõe* alterar esse cenário através da politização dos cidadãos, da educação, não necessariamente, a oferecida pelas convencionais instituições de ensino e sim pelo incentivo e oferta de cultura para todos.

O *Fora do* Eixo, na sua ação política por meio da arte, se coloca contra a organização capitalista da sociedade. O sistema capitalista coloca a responsabilidade pela falta de acesso à cultura no individuo, que acaba recorrendo à internet como subterfúgio e único espaço em que se acredita obter uma vida ativa. Na internet esses indivíduos acabam convivendo mais com desconhecidos do que com os de casa. Os recursos oferecidos pela internet evoluem constantemente, tornando cada vez mais um fator de inclusão, mas também de exclusão.

O Festival *Fora do Eixo* tem procurado se apropriar da internet e seus benefícios com uma lógica diferente do que foi dito logo acima. Sua proposta é integrar o interior com os principais centros do país. Este festival, *Fora do Eixo*, surgiu dos coletivos das regiões interioranas que percebeu a necessidade de um espaço de atuação nas metrópoles. As redes sociais possibilitaram que as pessoas conhecessem e aderissem ao trabalho do grupo, promovendo o crescimento e fortalecimento do circuito independente. Como diz um integrante do Coletivo *Pegada* de Belo Horizonte:

> O Festival *Fora do Eixo*, ele nasceu... A primeira edição foi no ano de 2008 com a intenção de trazer o que era produzido *Fora do Eixo* Rio/São Paulo para São Paulo. Porque assim, até 2007 a rede ainda era uma coisa embrionária, formação de coletivos bem *Fora do Eixo* mesmo, lá em Cuiabá, no Norte ali, criando uma rota até Rio Branco, Minas. O ... fez uma circulação em 2007, que foi que começaram a surgir os cole-

> tivos em Minas. E nesse momento já tinha umas bandas que estavam se destacando dentro desse circuito já que a galera achou interessante posicionar essa produção musical *Fora do Eixo* aqui em São Paulo.

O Congresso *Fora do Eixo* é organizado em paralelo ao Festival, no congresso é feito uma avaliação dos coletivos de cada região, sobre como estão se organizando, as experiências positivas e negativas que tiveram e quais suas principais dificuldades. A intenção é que os coletivos consigam se ajudarem mutuamente para ampliar a rede e não perder pontos de atuação. Na rede as pessoas são motivadas a mudar de função constantemente, para evitar que se acomodem apenas em uma e não cresçam como o esperado. Há um discurso geral de motivação, transformação e enfrentamento de novos desafios. O congresso tem uma semana de duração, nessa ocasião muitas pautas são debatidas, realizam mesas redondas com parceiros como Miranda (apresentador do SBT e produtor musical), Gabi Amarantos (cantora), Alex Antunes (jornalista, produtor musical e dono de uma casa de show), dentre outros.

A produção independente proporciona aos artistas uma produção com mais autonomia em relação ao que a indústria cultural impõe. Miranda em uma mesa redonda, no Congresso, tratou sobre a transformação que os festivais fizeram em cidades que antes não tinham nenhum movimento cultural. Segundo ele a sociedade não está entendendo o que é o *Fora do Eixo*, os jornalistas e profissionais não conseguem analisar, os artistas que estão na mídia e nem manter suas características. Para Miranda a Música produzida tem que ter qualidade, o desafio deve ser feito a todos, para que a arte cresça e alcance lugar de destaque na sociedade, desafiando as estruturas antigas e enferrujadas de um estado que não promove a democracia de acesso à cultura.

Michel Hardt e Antônio Negri (2005) no livro intitulado "Multidão", ressalta que "talvez devêssemos dizer que nesse contexto o direito não representa na realidade a oportunidade de todos, mas o privilégio de poucos" (HARDT, 2005, p.223). O governo é dirigido por pessoas que preservam os interesses da elite econômica que controlam o mercado. A sociedade é regida pelo mercado, em que uma minoria privilegiada tem acesso à educação, moradia e outros elementos considerados básicos para a vida. Enquanto o povo tem seus direitos garantidos apenas na constituição,

porque na prática são preteridos e cerceados desses direitos basilares para a sobrevivência. O *fora do Eixo*, se coloca como um movimento crítico em relação, sobretudo, a falta de cultura, para eles tão necessário como o direito à alimentação e moradia.

Com essa perspectiva o grupo *Fora do Eixo* criou o Festival *Fora do Eixo*, para ganhar maior visibilidade no cenário nacional. No primeiro momento, o festival aconteceu no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, com o sucesso dessa experiência se estendeu a outros estados como Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte e Goiás, na cidade de Goiânia. Repercutindo no fortalecimento da rede e da arte independente nesses respectivos estados.

Para Pablo Capilé os festivais, em certa medida, alcançaram espaço nas rádios para disseminação do trabalho das bandas. Os circuitos de festivais como o Festival *Fora do Eixo* cumpre o papel de fazer circular artistas de todo o país em diferentes lugares e metrópoles, que de outra forma seriam de difícil acesso para maioria deles. Essa é uma conquista do grupo *Fora do Eixo,* obtida através de parcerias, reconhecimento do trabalho e da luta encampada. De acordo com um integrante do coletivo *Ponte Plural*, do Rio de Janeiro:

> O festival, principalmente esse de 2010 assim, acho que ele teve esse lance de vim para São Paulo também, várias pessoas do Brasil, que são esses encontros presenciais que a gente dá esse F5 e, saca, entende como é que está a situação atual, onde que a gente precisa mover e eles foram muito importantes na história assim, nesse processo de... Como é que fala? De 'ressignificação' mesmo da rede.

"Ressignificar", expressão do vocabulário *Fora do Eixo*, significa, para eles, mudar de estratégias e caminhos de atuação aproveitando as oportunidades que aparecem. O Festival *Fora do Eixo* exemplifica essa expressão, pois foi organizado inicialmente com a intenção de expandir o espaço de atuação e com isso foi utilizado em outros estados para ampliação da rede, visto que se trata de uma "tecnologia" que deu certo. Em outros casos quando não dá certo, outra proposta é pensada. Para o *Fora do Eixo* o importante não é o resultado, mas a iniciativa de ousar e fazer novas proposições.

Com o festival a arte independente ganha legitimidade podendo ter um circuito fortalecido para as bandas se apresentarem em grandes capitais, tendo acesso as principais novidades tecnologias, produtores e oportunidades para melhorar a produção dos sho-

ws e conseguirem maior autonomia. Devemos ressaltar que a organização de um festival é feita com pouco dinheiro, visto que adotam o método de trabalho coletivo, que consiste no não pagamento individual pelo trabalho executado, substituído por um recipiente com dinheiro denominado *Caixa Coletivo*, de acesso livre aos integrantes. Já as bandas recebem, em lugar da moeda corrente neste país, cards (moeda que circula nos festivais e aceitos em alguns comércios). Outra forma de negociação é realização de turnês de shows, organizada pelos coletivos, para apresentação dos artistas. Os coletivos oferecem às bandas hospedagem e comida e a possibilidade de usar seus cards.

No congresso *Fora do Eixo* teve uma conferência sobre o Banco FDE (Banco *Fora do Eixo*), uma iniciativa que faz com que o trabalho seja pago com a moeda própria dos festivais, a lógica dessa proposta é fazer os parceiros aceitarem o card pelo o trabalho prestado ou demais acordos. Um bom exemplo do funcionamento do card pode ser extraído de uma experiência similar que ocorre na comunidade Campão Redondo, onde foi criado o Banco União Sampaio que trabalha com a moeda Sampaio, com livre circulação em muitos estabelecimentos da comunidade.

A moeda Sampaio estimula a confiança, o morador pede emprestado para comprar o que precisa e recebe em Sampaio e depois ele paga o empréstimo ao banco. Thiago, morador e integrante da comunidade, considera importante a iniciativa, pois os moradores que por algum motivo ficam apertados financeiramente conseguem a ajuda com o banco. Para a sua comunidade essa iniciativa fez com que o comércio crescesse, bem como a participação e cooperação entre os moradores. Thiago participou do Congresso *Fora do Eixo* socializando a experiência e coordenando o projeto *Espaço de Vivência*, que consiste em abrir as portas da comunidade Campão Redondo para outras pessoas conhecerem os projetos e a realidade dos moradores.

Na comunidade havia muita violência e os governantes não fizeram nada para melhorar a situação. A iniciativa de promover saraus, hip hop, rodas de samba, grafite, entre outras formas de arte, fez com que diminuísse a violência na comunidade. Cansados de esperar por melhoras na infraestrutura do bairro, por parte das autoridades políticas, os moradores se juntaram e formaram a associação dos moradores. Por meio dela, tentam melhorar o seu ambiente e também lutam por mais acesso a cultura. Através da arte se

produz cultura e, ao mesmo tempo, expõe sentimentos e manifesta opiniões. Ela é capaz de oferecer uma nova possibilidade aqueles que estariam fadados ao alcoolismo, demais entorpecentes e a criminalidade.

O *Fora do Eixo*, compreendendo a relevância da cultura para a vida, fez parceria com a comunidade motivando os artistas locais a produzir arte e circularem nos circuitos dos festivais. Além de apoiar e respeitar a comunidade, também ofereceu oportunidade para que muitas pessoas conhecessem a realidade dos moradores do Campão, bastante diferente daquela veiculada pelos meios de comunicação de massa. Essa parceria contribui de forma significante na desconstrução de estereótipos e preconceitos.

O sistema capitalista nos condiciona ao comodismo e apatia em relação à situação da sociedade. Estamos inseridos na lógica de consumo que tornam os sujeitos cada vez mais sozinhos, individualistas e incapazes de questionar a ordem, apenas reproduzi-la. Tudo gira em torno do mercado, inclusive a arte que passa a ter a função de representação e não de inovação, questionamento, reflexão crítica da existência. São apenas produtos da indústria cultural, que massificam.

Bruno Latour, (1994) em sua obra intitulada "*Jamais Somos Modernos*", questiona a modernidade do homem que utiliza a ciência para criar sem preocupação com as consequências de suas criações. O consumo fez surgir uma sociedade interessada apenas na mercadoria e nos bens materiais ou simbólicos obtidos por meio dela. Com esse sentido, se produz armas cada vez mais rápidas e letais, sem avaliar por quem, de que forma e com quais propósitos serão utilizadas. A ciência, com seu poder abrangente, está a serviço das elites econômicas e políticas. Sob essa proteção lançam produtos no mercado para consumo, sem dimensão dos riscos possíveis para degradação do meio ambiente, aumento da violência, etc.

Essa mesma sociedade, organizada pela lógica capitalista, tem utilizado os meios de comunicação de massa para padronizar as opiniões. Diariamente uma avalanche de propaganda de produtos criam novas necessidades de consumo, como requisito para se adequar as inovações do mercado. A mídia não está interessada em saber se a TV de 52 polegadas vai ser levada para uma casa de lona ou para um condomínio de luxo, ela quer apenas estimular o consumo, a necessidade de possuir o produto. O governo faz propa-

gandas mostrando o desenvolvimento do país, medido pelo aumento do poder de consumir das classes menos favorecidas. Sem propostas efetivas para acabar com a pobreza, poluição que o consumo em massa gera.

Contra esse modelo de sociedade que o *Fora do Eixo* faz oposição. Com uma atuação política, por meio da arte, que reforça a importância da politização e educação da sociedade. O seu projeto é uma luta política, embora não no sentindo convencional do termo. Atuam na promoção de cultura independente, criação de espaços para socialização da arte, provocam debates, etc. Os espaços são criados e ocupados, sobretudo por jovens universitários que ao contrário, da geração de seus pais, não querem se adequar ao modelo de trabalho criado pelo capitalismo. Esse processo de criação e ousadia faz com o *Fora do Eixo*, não seja entendido apenas como promotora de uma ação, mas como promotora de várias ações interligadas. Estão envolvidos na música, política, organização de festivais, ação social, educação e várias outras atividades e aspectos constituintes da realidade.

A cibercultura, conceito utilizado para explicar a nova configuração do advento da internet. O Fora do Eixo possui um ambiente de grande acesso e velocidade de dados, difícil de prever o que irá acontecer, ou no que ela irá se tornar daqui a alguns anos. Assim, como a realidade da era virtual, o Fora do Eixo também tem crescido, aproveitando as oportunidades, de maneira que é difícil fazer qualquer previsão sobre o alcance que terão e no que se transformarão daqui a algum tempo.

Falar do *Fora do Eixo* é abordar um universo de atuação no cenário independente, já que, interligam arte, política, sociedade e cultura. Na fala de Pablo Capilé um dos primeiros integrantes e idealizadores da rede, a rede vai crescer até um determinado ponto até se transformar em algo diferente e autônomo. O desejo é que o *Fora do Eixo* agregue outras demandas e se fortaleça para criar um modelo de vida que almejam. Enfim, poder de atuação, legitimação e de persuasão a rede possui, mas onde e para quais fins serão usados isso só o tempo nos dirá.

Atualmente para se mantiver informado precisa-se da internet. A internet se transformou em instrumento para organização de movimentos sociais, festivais, desabafos, espaço de atuação religiosa, produção científica e tantos outros conteúdos. A questão é que a rede social interligou pessoas, que conseguem se

organizar, debater sobre suas demandas e se mobilizarem. Conseguindo adesão aos seus movimentos. A marcha da liberdade em São Paulo, em 2010, é um exemplo, foi organizada no Facebook e contou com grande quantidade de pessoas. O *Fora do Eixo* cobriu e apoiou este movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa contribuiu para nosso processo de formação como estudantes abrindo novas possibilidades de pesquisa posteriores, ao longo de nossa trajetória acadêmica. Também contribuiu para o reconhecimento da importância da arte na construção do nosso país. Pela internet, espaço mais livre das imposições do sistema, diversos grupos e indivíduos, conseguem ser percebidos pela sociedade e legitimar suas lutas. O *Fora do Eixo* é mais um dentre outros grupos que vem crescendo nesse contexto, com a bandeira do acesso a cultura para todos.

Esta pesquisa nos mostrou como as perspectivas dos festivais mudaram, sendo hoje espaços de atuação da cultura livre e abrangente a qualquer espécie de público, com a intenção de circular arte e não mais ser um lugar de olheiros em busca de novas bandas (sucessos para gravadoras lançarem e venderam muitos cds) e artistas.

Também observamos que os jovens através do Fora do Eixo, estão propondo um novo caminho para suas vidas, tendo um trabalho totalmente diferenciado do que nos é imposto e produzindo arte, circulando em festivais, aprendendo nessa vida trabalho e inovando em suas produções e criações, seja propondo mudar as formas de aprendizagem e trabalho como também dando outro sentido a coisas simples como moradia, família etc.

A pesquisa foi muito importante para compreendemos a estrutura do Fora do Eixo, seu modo de organização e projetos, mas vejo que falar do Fora do Eixo é sempre ter a necessidade de estar se atualizando, pois a rede se reorganiza sempre, assim tudo está sempre em constante mudança. Este trabalho serviu para temos acesso a um espaço de constante produção, que é o Fora do Eixo, ele vem se reinventado e buscando inovações que apenas daqui a algum tempo vamos ter a noção do que era o Fora do Eixo e do que ele se tornou.

FONTES

ENTREVISTAS:

Carol Tokuyo – Casa fora do Eixo, São Paulo

Daniel – Coletivo Plural, Rio de Janeiro

Integrante do Coletivo Pegada, Belo Horizonte

Lenissa Lenza – Casa Fora do Eixo, São Paulo

Pablo Capilé - Casa Fora do Eixo, São Paulo

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T.W. O *fetichismo da música e a regressão na audição.* In: Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Ed.34, 1994.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed.34, 1999.

MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. *Indústria Fonográfica: Um Estudo Antropológico*. Campinas-SP: Unicamp, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A Crítica a Razão Indolente: contra o desperdício da experiência.* São Paulo: Cortez, 2001.

VILLASANTE, Tomás R. *Redes e Alternativas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

Artigo recebido em 11 de setembro de 2011
e aceito em 30 de novembro de 2011